

# ESQUIZOFRENIA LENTA E PROGRESSIVA - Diagnóstico controverso do passado

Autores: Joana Bravo\*, Cláudia Gonçalves da Silva\*, Francisco Lima Buta\*\*

\* Médica Interna de formação específica de Psiquiatria Hospital de Vila Franca de Xira

\*\* Assistente Hospitalar de Psiquiatria Hospital de Vila Franca de Xira

## CONTEXTO POLÍTICO E SOCIAL

No contexto da União Soviética, durante o governo de Nikita Khrushchev, após a morte de Josef Stalin, em 1953, e portanto, um regime menos opressivo, surge uma cada vez maior expressão de contrariedade contra a ideologia comunista e o exercício do poder autoritário do governo.

Durante a década de 1960, a Escola de Psiquiatria de Moscovo, e mais concretamente o seu líder, o psiquiatra Andrei Snezhnevsky desenvolve o diagnóstico de Esquizofrenia lenta e progressiva ou também denominada "Sluggish Schizophrenia". A maioria dos peritos concorda que este conceito diagnóstico foi desenvolvido a pedido do Partido Comunista e KGB.

Snezhnevsky, ao longo da sua carreira, e pelo seu trabalho de especial interesse para o Partido Comunista, foi nomeado para altos cargos como diretor do Instituto de Psiquiatria da Academia da URSS de Ciências Médicas, diretor do Centro de Pesquisa All-Union Mental Health Research Center of the USSR da mesma Academia e diretor do instituto Serbsky de Psiquiatria Forense.



## DIAGNÓSTICO COMO OPRESSÃO POLÍTICA

O diagnóstico de Esquizofrenia aplicado na URSS constituía um diagnóstico com critérios dúbios e pouco definidos, baseando-se na crença de que qualquer pessoa que se opusesse ao regime comunista deveria apresentar uma doença mental subjacente, que se manifestava pelo desejo de reformas políticas ou desejo de emigrar.

A classificação de Esquizofrenia de Snezhnevsky seria muito mais abrangente do que o praticado internacionalmente já que os doentes conseguiriam manter uma funcionalidade social quase total, e apresentariam apenas sintomas muito frustrantes no início de quadro.

O psiquiatra reconhecia três formas distintas com base no seu curso clínico: a forma contínua - sem remissão, poderia ter uma progressão rápida "maligna" ou lenta "progressiva", com prognóstico reservado; a forma periódica ou recorrente - de início agudo, com remissão total; e a forma mista.

Destas três formas, a forma contínua lenta, isto é, a esquizofrenia lenta e progressiva, era o diagnóstico mais frequentemente atribuído aos dissidentes políticos. com sintomas frustrantes no início do quadro, uma forma mais "suave" da doença e muitas vezes sem apresentação de sintomas psicóticos,

Os "doentes" podiam apresentar ideias grandiosas nomeadamente de instituição de reformas na sociedade ou de uma sobrevalorização da importância do seu papel na sociedade, apresentando como sintomas "delírio de reformas" e "luta pela verdade".



Consequentemente, a prevalência do diagnóstico de Esquizofrenia dentro da URSS era muito maior do que o reconhecido internacionalmente. Além do encarceramento por tempo indeterminado, os presos políticos eram alvo de "tratamento" com altas doses de neurolepticos e outras drogas, e castigos corporais e tortura.

Os estudos feitos pela Associação Internacional sobre o uso político da Psiquiatria (IAPUP), estimam que centenas a milhares de dissidentes políticos foram hospitalizados por motivos políticos. Numa investigação dirigida a psiquiatras em Moscovo, que incluiu 5 prisões psiquiátricas durante o período de 1994 a 1995 concluiu que cerca de 2000 hospitalizações foram por interesse político.

A psiquiatria foi usada como ferramenta de repressão política, já que a hospitalização de pessoas cujo comportamento desafiava o regime permitia o seu afastamento durante um período indeterminado e a conotação de uma pessoa como doente mental permite desacreditar crenças políticas ou religiosas incómodas, uma vez que estas passam a ser encaradas como produto de uma patologia mental. Este método permitia perpetuar a ilusão de que não havia oposição ao regime e de que este teria o apoio total da população.

Em 1983, tendo em conta a uso sistemático da psiquiatria como ferramenta de repressão política, a União Soviética retirou-se da World Psychiatry Association. O diagnóstico foi aplicado dentro das fronteiras da União Soviética e de alguns países da Europa de Leste, até à queda do comunismo em 1989, nunca tendo sido reconhecido pela Organização Mundial da Saúde. Posteriormente, com a queda da regime, a desintegração do URSS e a libertação dos presos políticos foi autorizada a regressar novamente à WPA.

## CONCLUSÃO

O conceito de Esquizofrenia lenta e progressiva ou Sluggish foi um diagnóstico ficcional e sem base científica. Foi usada pela União Soviética como ferramenta de opressão contra dissidentes políticos que se manifestassem contra o regime comunista.

Estes acontecimentos constituem uma forma de abuso sistémico político da Psiquiatria e foi internacionalmente condenado. A sua ocorrência gerou posteriormente uma importante discussão sobre ética médica, nomeadamente que o trabalho do Psiquiatra não deve ser influenciado por preconceitos, crenças ou desejos, nem a sua profissão deverá ser instrumentalizada para fins políticos.